

Quinzenário — Autorizado pelos GTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

26 de Abril de 1997 • Ano LIV — N.º 1386
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

O centro da nossa Aldela de Malanje



Novos Horizontes

As numerosas publicações que nos chegam, veio esta semana somar-se uma nova — *Novos Horizontes* — dos Reclusos actuais da antiga Prisão-Escola de Leiria, à qual estivemos muito ligados pelo laço substancial de Rapazes que saíram de nossas Casas perdidos e ali se encontraram.

Tempos felizes em que para os inadaptados que surgiam — e em todo o tempo surgem — a um regime de porta aberta, havia uma oportunidade de tratar as doenças da alma de que eles eram vítimas, mediante a qual tantos se curaram!

Era então a Prisão-Escola uma Instituição destinada só a jovens, com uma filosofia decididamente assumida: A tónica posta na Escola, quer dizer, na formação integral do homem, a partir de uma juventude desviada e urgindo recuperação, o que postulava sensatamente um regime prisional. Era a reparação dos desvios que as regras da sociedade impõem, a Prisão, aproveitada na obra da recuperação, a Escola, que levava à reinserção social como, agora, muito se diz e pouco se faz.

O Rapaz entrava compreensivelmente contrariado, às vezes agressivo, porque preso. Mas o tempo ia fazendo-o descobrir que a Liberdade é que estava presa dentro dele mesmo, por isso ao seu alcance; e ajudava-o na descoberta ver como companheiros seus viviam já em condições progressivamente abertas, a *Semi-liberdade*, a *Confiança*, destes últimos, vários trabalhando na cidade, tendo o Estabelecimento como Lar, uma rectaguarda a vários títulos necessária nesse período de relançamento na vida até poderem voar por si próprios, condição de saída definitiva. Por isso as penas não eram fixadas rigidamente. Acabavam como uma «alta» hospitalar quando a cura se apresentava conseguida e não eram mais precisos o resguardo e os cuidados assíduos do Estabelecimento.

Quantos homens de bem — muitos, cidadãos anónimos, mas prestáveis; alguns, mesmo, em lugares de relevo na sociedade — a antiga Prisão-Escola de Leiria ajudou a encontrarem-se! Eu não sei; mas lá deve haver números e dados sobre a qualidade dos frutos... Que dor uma sociedade que se dá ao luxo de deitar abaixo árvores boas, provadas, exactamente, pelos frutos bons que produziam!

A Prisão-Escola era para os que já tinham delinquído com alguma gravidade. Mas, no espaço dos Serviços Jurisdicionais de Menores havia os Reformatórios para casos difíceis, porém, ainda sem delitos consumados. Eram áreas de prevenir para não ter que remediar! Também por elas passaram Rapazes nossos que hoje são homens sem terem de que se envergonhar — graças a Deus e graças aos remédios adequados que houve quem lhes ministrasse adequadamente.

S. Fiel, Vila Fernando, Izeda... — que é feito destas Instituições?... De Izeda ouvi, há tempos, que estava sendo adaptada a Prisão. Ali onde funcionou a melhor Escola Tipográfica do País e se fizeram tantos homens válidos!

Neste *Novos Horizontes* que motivou este escrito, leio, da pena do Director do Jornal, um dos que lá estão «entre os 16 e os 25 anos»: «O Governo, para resolver o problema da sobrelotação das Prisões, pensou em utilizar quartéis desactivados. Uma ideia que foi divulgada pelo sr. Ministro da Justiça, após uma visita aqui ao Estabelecimento Prisional de Leiria (ex-Prisão-Escola)».

«Será a solução?» — lê-se no título da notícia.

A interrogação fica. Como fica a realidade do problema de veras preocupante da insuficiência de Cadeias e consequente sobrelotação das que há. A solução — quartéis desactivados ou outras... — materialmente custará milhões que, humanamente, significam um desperdício a entreter crimes, a refinar criminosos.

Seguro é ter as nascentes dos rios para poder traçar os destinos das suas águas. Solução é ir às causas. Solução é procurar os meios com muito senso e humildade e a dor própria de quem gera.

Nós já tivemos estruturas preventivas que respondiam melhor aos problemas, hoje multiplicados e mais densos. Em vez de se lhes procurar maior perfeição, porque as deixaram cair?!

Decerto: Por uma fundamental incompreensão dos conceitos de Liberdade e de Autoridade que o orgulho dos homens obscurece e modas (caducas como é próprio da

Continua na página 2

Crónica de viagem a África

É ainda arriscado viajar, por terra, de Benguela a Malanje. Directamente pela Kibala e Gabela, impossível!... Passar por Luanda, há quem o faça, mas ainda corre perigo de ser atacado, roubado e morto. Além de que a viagem demora dois dias e mostra-se extremamente difícil de Luanda a Malanje.

Os Padres aconselharam e aceitei viajar na P. A. M.. É de graça, e, voar, dá-me um prazer intenso.

Escalei de novo Luanda onde Padre Telmo me aguardava, feliz, reco-

lhendo-nos de novo na fraterna Casa dos Jesuítas, onde pernoitámos duas vezes, aguardando a partida do pequeno avião para Malanje.

Em carros de antigos gaiatos radicados na Capital angolana, demos muitas voltas a fazer recados, comprar peças de veículos e máquinas que Padre Telmo só encontra, com dificuldade ainda, em Luanda.

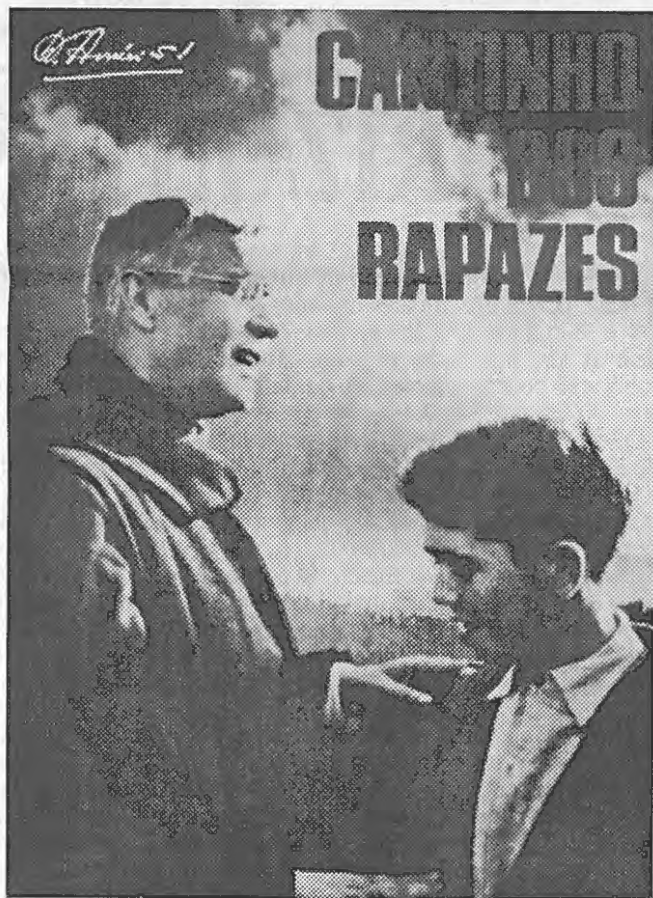
Foi ocasião de rever a linda cidade e certificar-me da primeira impressão que permaneceu inalterável.

O P.A.M. — Plano de Alimentação

Mundial — das Nações Unidas facilita a deslocação das pessoas pertencentes a organizações humanitárias a trabalhar em Angola, nas suas carreiras aéreas. Com todo o mérito, e sem favor, a Obra da Rua é reconhecida como tal e os responsáveis pelos voos em Luanda, Benguela e Malanje dispõem aos nossos Padres uma particular simpatia.

De manhã, descolámos do aeroporto de Luanda e qual não foi a minha alegria ao verificar que iríamos a Negaje.

Continua na página 4



Está pronta a segunda edição

DO *Cantinho dos Rapazes!* Outra obra, oportuníssima, que revela o sentido profético de Pai Américo — na sua qualidade de Padre-Pai.

A problemática da Juventude está na ordem do dia. É do conhecimento de toda a gente. Pois no *Cantinho dos Rapazes*, em discurso directo, Pai Américo dirige-se aos Jovens de maneira que todos entendam:

«Nunca é demais falar da doutrina da boa consciência, porque é precisamente nesta idade que cada um deve esforçar-se por achá-la dentro de si mesmo» — acentua, em sua linha pedagógica que tem por objectivo «fazer de cada rapaz um Homem».

A primeira edição do livro foram 10.000 exemplares. Esgotou-se rapidamente. Então ficámos surpresos. Especialmente com as encomendas provenientes de pais, mães, madrinhas, catequistas, professores,

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Apoiamos a medicação de doentes sem posses para comprarem remédios na botica.

Agora, acudimos aos gemidos de dor de um Pobre que, em tempos, fora responsável por uma quinta. Do ponto de vista material viveu bem, mas os imprevistos da vida, a parca pensão de reforma, fá-lo sofrer carências. — *O dinheiro não chega prós remédios...*

Naquele dia, à hora em que o visitámos, recebia a Comunhão no seu quarto muito arrumadinho. Foi uma hora grande todo o tempo que ali estivemos, bafejando da Graça do Senhor Jesus.

Vamos ajudar, com discreção. Na proporção do ser e estar de cada um. A privacidade é elemento importante na acção vicentina.

ÚLTIMO LUGAR — Passámos os olhos por um telegrama inserido na Imprensa, revelando a síntese dum estudo a nível comunitário: os técnicos chegaram à conclusão de que os portugueses são mais pobres que os espanhóis e os gregos.

Para o efeito, os quinze Estados da União Europeia estabeleceram quatro critérios base: Conforto mínimo doméstico (água corrente, saneamento, electricidade), protecção social, educação e habitação.

PARTILHA — Assinante 23311, de Setúbal, com três mil escudos «para os mais pobres da Conferência». Outra vez Setúbal: «Avó dos cinco netinhos» com o dobro, relativo a Março.

S. Pedro do Sul, assinante 8618: «Mil escudos para os vossos Pobres. Peço desculpa de ser uma oferta pequenina, mas estou com pouca saúde e uma grande despesa na farmácia». Os Pobres ajudam os mais pobres!

Porto, com «uma gotinha» da assinante 28053: «Desculpa a insignificância e crede que, se pudesse, seria mais generosa. Mas creio que a intenção e boa vontade também têm o seu valor». Certo!

Cinco mil, daquela senhora da Capital do Norte que por aqui passa num jacto, sempre com um sorriso nos lábios e tão discreta que mal se vê o seu peregrinar!

Mais cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, expressando as costumadas intenções — e «não precisam de agradecer».

Quinhentos, de Santa Cruz do Douro.

«A partilha de Fevereiro e Março, com saudações fraternas, de uma Assinante de Paço de Arcos.»

A presença, habitual, da assinante 31104, de Lisboa: «O dinheiro que Deus deixa chegar às nossas mãos, não é bendito se não socorrermos os Outros». Eis o Mandamento Novo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Já recomeçaram as aulas. Os rapazes do Lar regressaram ao Porto e os estudantes da Casa à Escola.

Esperamos que os resultados finais sejam os melhores para o seu bem futuro.

OBRAS — Os trolhas ainda estão no salão de festas. Não falta muito para acabarem os trabalhos.

ROUPAS — Têm-se encontrado pelas ruas e cantos da nossa Aldeia.

Com o calor impróprio desta época os rapazes vão tirando os agasalhos e esquecem a roupa em qualquer sítio!

Para que não se esqueçam temos um pequeno castigo que esperamos não seja necessário aplicar.

VISITAS — Com frequência recebemos visitas à nossa Aldeia

e muitos visitantes elogiam-na. Pois se ela é bonita! Se ela é uma riqueza para todos nós!

Para merecermos estes elogios é necessário aprender a amar o que temos...

Rui

DESPORTO — Em 16 de Março recebemos os júniores do Grupo Desportivo da Calçada. Jogou-se bom futebol. Vencemos por 8-0.

A 6 de Abril defrontámos uma equipa de Parada. A nossa não esteve tão bem como em outros jogos e perdemos por 2-3.

Em 13 de Abril defrontámos uma equipa de Lourosa. O sol quente, o terreno seco e áspero. Os nossos jogadores praticaram bom futebol. Pena o árbitro da partida ter inventado faltas atrás de faltas e, por pouco, um penalty — se não fossem os protestos dos jogadores. Um grande jogo de futebol com marcações cerradas. Resultado injusto para o desportivismo da nossa equipa: 3-3.

«Albufeira»

Abril!

A Terra atapetada
De sol que transborda.
Minha silhueta projectada
Contra o muro da horta.

Sou o paradigmático passado
E também o moderno espaço.
Sou o paradisíaco tempo
Das palavras, dos abraços
E do sentido pensamento.

Idealismo de poeta
São o fogo, a água e a quimera.
Ser outra vez jovem
É o que deseja a morte.

Oh meu destino
Inacabado e fértil!
Em ti acredito!
Dejo ainda viver
Para mais poemas escrever
Sobre as metamorfoses de Abril!

Manuel Amândio

Crónica do Lar do Porto

Hoje, a sociedade tem a vida tão ocupada que, por vezes, depara com diversos problemas. E porquê? Talvez pela inexistência de actividades que possam aliviar o peso sobre a cabeça de cada um.

Para que esse tipo de coisas não afectasse os nossos rapazes, tivemos a ideia de criar distrações que quebrem a monotonia do dia-a-dia: um torneio de futebol, cada equipa constituída por três elementos; um torneio de ténis de mesa, de carácter individual, e outro de pares, eliminando assim a hipótese de dizerem que os encontros tinham sido anteriormente combinados.

O torneio de futebol está no fim da primeira volta. O de ténis de mesa, individual, acabou; e o de pares vai na terceira eliminatória.

Quando tudo isto terminar esperamos que a malta possa saber melhor que, na vida, existem momentos para tudo.

Daniel («Cenoura»)

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 26 dos Estatutos convoco os membros da Cooperativa para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 11/05/97, às 10 horas, nas instalações da Cooperativa, em Vales — Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciar e votar o orçamento e plano de actividades para o exercício de 1997;
- 2 — Apreciar e votar o Relatório e Contas da Direcção relativos ao exercício de 1996 e parecer do Conselho Fiscal.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria requerida no artigo 27 dos Estatutos, a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros.

Porto, 9 de Março de 1997

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
José Lemos

BENGUELA

FUTEBOL — Não temos realizado jogos de futebol por falta de uma direcção capaz.

O nosso Luís, antigo gaiato com um curso superior, e eu, convocámos os atletas e aficionados da bola para chegarmos a acordo. Na mesma reunião decidimos eleger membros responsáveis para tomarem conta do grupo desportivo. Foi escolhido o Lourenço Sapalo como chefe; o Góia como secretário; e um adjunto do treinador. Nomeámos dois massagistas: o Nelito Acácio e o Toni, conhecido por «Câmboro»; também os roupeiros: Faustino e Celestino Pena.

Pedimos a colaboração dos Leitores, pois não temos bolas, redes nem botas — fazem parte do desporto — bem como outros materiais.

AGRICULTURA — Nesta época, quase todos os campos estão cheios de verdura. Quem entra na avenida, vê logo um terreno grande com uma mandioqueira verde. Pelos vistos, haverá muita mandioca! Já comecemos a saborear a do terreno do «Porto».

Lourenço Sapalo

TOJAL

FESTAS — Já se iniciaram. A primeira foi cá em Casa, na qual tivemos como público os vizinhos e que para nós serviu de ensaio geral. Estamos agora na «estrada».

AULAS — O terceiro período já começou. Será trabalhos porque é grande e uma parte dos estudantes entram nas Festas, o que lhes complica a vida.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Um problema que nos tem atormentado: arranjar casa para três famílias que vivem em precárias condições. Continuam à espera de promessas, que não passam disso há muito tempo.

Uma família, dessas que visitamos, vive em Ramalde, num bairro sem o mínimo de condições. No entanto, perto, há três casas da Câmara fechadas e a família continua a aguardar que a Edilidade lhe arranje uma.

Outra pobre vive na Ribeira. No prédio que habita, existe uma ou duas casas da Câmara — fechadas. As pessoas que lá viviam não as utilizam como habitação permanente. A autarquia não deveria fiscalizar e confirmar, junto dos vizinhos, há quanto tempo não habitam essas casas? Assim, muitas talvez fariam devolutas porque haveria muitas nestas condições.

Não queremos que os irmãos que visitamos tenham um estatuto diferente. Achamos que é um luxo haver casas vazias quando temos conhecimento de que existem muitas famílias a viver em condições desumanas. Queremos apelar para algum leitor que faça parte do Pelouro da Habitação da Câmara, que nos ajude, porque nós somos testemunhas das carências em que vivem estas famílias.

Pedimos desculpa por este nosso desabafo, mas sentimos e vivemos os problemas e custos muito aceitas certas situações. A verdade tem que ser dita e denunciada.

DONATIVOS — Assinante 32000, 5.000\$00; Francilina Lemos, 10.000\$00; do Porto, 3.000\$00; Ilídio Pires, 10.000\$00; Emília Ferreira, 5.000\$00; Óscar Fernandes, 40.000\$00; anónimo 5.000\$00; assinante 6316, «por amor a Deus e aos Pobres», 5.000\$00.

Obrigado pela vossas palavras de carinho e força.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682, 4000 Porto.

Casal vicentino

RETALHOS DE VIDA

«Queijinho»



Eu sou o André Filipe dos Santos, por alcunha o «Queijinho».

Nasci em 4 de Maio de 1984. Quando nasci fiquei com a minha tia porque a minha mãe tinha ido para Lisboa visitar a minha avó...

Comecei o futuro com a minha tia. Fui para a escola mas, na segunda-classe, brincava muito e esquecia-me das aulas. Depois, segui para a minha mãe, junto dos meus irmãos.

O meu pai batia-me muito. Entretanto, vim para a Casa do Gaiato; mas, nesse tempo, eu queria ficar com a minha mãe.

Quando for grande, escolheria uma de duas profissões... Quem me dera ser engenheiro!

André Filipe

NOVOS HORIZONTES

Continuação da página 1

Moda têm confundido ainda mais. (Livres é Deus e pode sê-lo o Homem — e sê-lo-ão as sociedades tanto quanto o forem os seus homens.) Por pruridos farisaicos de nomes pouco bonitos que se mudaram (Tutoria — Centro de Observação e Acção Social — Colégio

Reformatório — Instituto de Reeducação Prisão — Estabelecimento Prisional) sem cuidar da realidade interior, do miolo da Instituição, cada vez mais ineficaz, quando não reduzida a zero. Por inflação de teorias e teorizantes, a par da deflação de agentes em campo, a experimentar na pele os males para que procuram remédio.

Temos pena e é um grave prejuízo que assim seja.

Pena... porque Pai Américo começou a Obra da Rua também na Penitenciária de Coimbra onde foi visitador e Capelão; fundou o primeiro Lar para o Ex-Pupilo dos Reformatórios que houve no País e o Ministério da Justiça prosseguiu com outros, ao dar pela lacuna; pelos largos anos que vivemos de mãos dadas com os Serviços Jurisdic-

cionais de Menores num sentido mútuo e amistoso de complementaridade ao serviço da mesma causa.

Prejuízo... porque temos hoje, como ontem, como amanhã teremos, adolescentes incapazes de se prenderem dentro da porta aberta e para os quais não há alternativa senão a marginalidade.

Quem dera o Estabelecimento Prisional de Leiria regressasse a Prisão-Escola, nem que lhe mudem o nome mas não a filosofia (sempre perfectível. Mas só com humildade se aperfeiçoa alguém ou alguma coisa!) que no princípio a enformou! E ela possa confirmar aos Rapazes que hoje a habitam a razão porque escolheram para o seu jornal o nome de *Novos Horizontes*: «Porque nós, após termos cometido vários erros no passado e hoje estarmos a sofrer as consequências dos nossos erros, somos praticamente reféns dos nossos passados obscuros. Por isso estamos sempre à procura de uma luz ao fundo do túnel que nos conduza a Novos Horizontes e eventualmente nos ajude a ultrapassar esta fase difícil».

Padre Carlos

Festas

Setúbal

A alegria aparece na vida do homem, não como uma semente que se lança à terra, mas como um fruto metamorfoseado que se colhe após uma sementeira de lágrimas. É por isso que o poeta diz: «A vossa alegria é a vossa tristeza sem máscara».

Ninguém pense semear alegria nas gargalhadas, no humor ou mesmo nos prazeres. Estes rápidos estados de espírito podem ser alegres mas não cimentam a alegria. Esta é sempre o resultado de uma conquista, tantas vezes demorada e penosa.

Também na meditação deste tema intuimos o mistério do Homem que se revela em Jesus Cristo: na sua vida, nas suas opções, na própria doutrina, na Morte e Ressurreição.

A vida Eterna não é senão a partilha absoluta da verdadeira Alegria e a Ressurreição uma colheita total de tanta sementeira em dor.

Semeia-se Cruz e colhem-se aleluias.

É no auto-domínio; é no trabalho; é na generosidade. O mundo não tem alegria exactamente porque perdeu esta perspectiva. Volve-se e revolve-se sobre o prazer, as comodidades, as ambições e... o nada.

A nossa Festa irá ser alegria a manifestar a alegria.

Padre Acílio

25 de Abril — Soc. Inst. Musical QUINTA DO ANJO.

30 de Abril — Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros».

10 de Maio — Teatro Luísa Tody, SETÚBAL.

17 de Maio — Sociedade Filarmónica Agrícola, PINHAL NOVO.

23 de Maio — Sociedade «Os Franceses», BARREIRO.

7 de Junho — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitunense, AZEITÃO.

28 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

SEMPRE ÀS 21,30 H.

Tojal

Há dias, quando estava a conversar com uma pessoa amiga sobre a nossa vida, calhei a falar no acréscimo de trabalho que as Festas nos trazem. A nossa Amiga reagiu de imediato: «Vocês já têm tanto trabalho, porque é que não deixam cair as Festas?»

Fiquei surpreendido com este «não deixam cair as Festas». Quase foi a mesma coisa que disserem-me: «Porque não deixam de fazer o jantar, uma vez que já tomaram o pequeno-almoço, o almoço e a merenda?» É que as Festas, independentemente do trabalho que dão, fazem parte da nossa vida.

Com efeito, elas não são um acto isolado ou mais uma coisa a dar trabalho em nossa Casa. São um aglutinador de muitos aspectos que poderiam aparecer dispersos.

Antes de mais, de uma forma não académica, não escolar, a poesia, a música, a dança, a dicção, o saber-estar invadem a nossa Casa. Aprendem os que participam activamente e aprendem os que observam, se riem e criticam. Durante mais de meio ano sucedem-se as aulas intensivas (os ensaios). Não há professores oficiais. Há os próprios rapazes que se corrigem uns aos outros, que assumem responsabilidades, que participam em actos criativos.

Talvez, logo de seguida, a riqueza das nossas Festas é a descoberta jubilosa de muitos talentos. O rapaz que é capaz de fazer isto ou aquilo, que se enfrenta, que perde o respeito humano, que ganha confiança em si, que melhora aos próprios olhos a sua imagem, que cria auto-estima, é um feliz anúncio de vitórias futuras.

Em terceiro lugar aparece talvez o irmos de terra em terra e, então, os nossos rapazes percebem que não precisam

de se esconder em becos escuros, mas são suficientemente bons para poderem aparecer, em igualdade de circunstâncias, diante dos outros homens. Mais, para quem teve que se esconder durante anos e pensar que havia zonas da sociedade que lhe estavam vedadas, é importante o acolhimento que é feito nas salas de espectáculo. É importante eles perceberem que são queridos e desejados, que as pessoas se deslocaram ali por sua causa.

GANHAR o pão com o suor do rosto é um lema pregado e assumido por nós. É a responsabilidade de todos estarmos juntos e lutarmos pela nossa existência, participando cada qual da melhor maneira possível. A responsabilidade de um espectáculo tem também a ver com esta forma de estarmos na vida, ganhando o pão nosso de cada dia. Os rapazes percebem isso e comprometem-se.

Finalmente, para não alongar mais, embora os nossos espectáculos sejam uma beleza para a vista e para o coração, acontece que eles são também uma mensagem. A mensagem não é, sobretudo, de palavras. A grande mensagem é a sua presença em cima do palco, à frente de muitos Amigos e poderem gritar: — Estamos aqui, estamos vivos, queremos viver e partilhar convosco a vida!

Padre Manuel Cristóvão

27 de Abril — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja de Monte Abraão, QUELUZ.

4 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

11 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, R. Camilo Castelo Branco, LISBOA.

18 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão do Stela Maris em PENICHE.

24 de Maio — Sábado, 15.30 h., Cine-Teatro de LOURES.

29 de Maio — Corpo de Deus, Quinta-Feira, 15.30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de AZAMBUJA.

BENGUELA

Continuamos com Esperança

Escola

Agora em que escrevo, oiço toear o ferro a chamar para o estudo. As aulas começaram, oficialmente, em 17 de Fevereiro. Até hoje, porém, não houve mais que meia dúzia. Os professores entraram em greve e continuam. Há problemas de ordem social tão graves que afectam a sobrevivência da própria classe e outras.

Entre as vítimas desta situação, as crianças e os jovens são os mais inocentes e os que mais sofrem. Eles são multidão. Sem escola, vagueiam pelas ruas sem ocupação útil, matando o tempo que devia ser espaço para crescerem e se formarem. É um período verdadeiramente crítico para os filhos do nosso povo. É a curva da mudança, assim o cremos. É a etapa mais difícil para quem está a crescer e a formar-se. Por isso, os pais interrogam-se sobre o futuro dos seus filhos. Os que têm dinheiro buscam outros caminhos. Mas os que não têm, que são maioria, ficam à margem do caminho. Pais e filhos sofrem muito.

Desemprego

O desemprego é das chagas que mais afectam o tecido social. É dos problemas sociais mais importantes e mais urgentes. A maioria da gente válida não tem emprego. De que vive? Pela experiência que tenho da vida, não sou capaz de responder cabalmente. Não entendo tudo. Sem emprego e sem o salário em dia, para quem trabalha, que fazer? Este é um dos aspectos graves da situação social, gerador de conflitos como o que está a acontecer no sector da Escola.

Nem por isso devemos cruzar os braços. As crianças pedem-nos tudo e têm direito a receber tudo o que lhes pudermos dar. Vamos, pois, remediando este grande mal que é a paragem escolar, com tempos de estudo, contacto com os livros, revisão de matérias dadas e matérias novas, também. Mobilizámos todas as nossas forças particulares, com a ajuda duma ou doutra pessoa de fora. Vamos mantendo, deste modo, um ambiente normal favorável ao aproveita-

mento escolar quando reabrirem as aulas. Por isso, o ferro tocou a chamar para o estudo.

A saúde das populações

Mais uma vez, a nossa carrinha fez de ambulância e eu de motorista para levar uma parturiente ao hospital. Era dum bairro vizinho da nossa Casa. Há uma mistura de alegria e de tristeza no cumprimento desta missão, muito normal em nossa vida. É que o socorro é pedido, em geral, à última hora, quando já não há remédio para o bebé ou para a mãe. Há um medo muito grande do hospital. Quando o hospital deve ser o lugar da esperança de vida para os doentes, muitas vezes não é. Por isso, têm medo...

Outro problema social importantíssimo e urgente é o problema da Saúde. Levei a doente, mas o bebé morreu. Por isso, há um misto de alegria e tristeza neste serviço missionário. A mortalidade infantil é uma calamidade. Também, neste campo, estamos a dar a nossa ajuda. O Posto médico, a funcionar em nossa Casa, ao cuidado das Irmãs do Santíssimo Salvador, dá assistência às mães e aos filhos que trabalham connosco. Se tivéssemos mais remédios, mais poderíamos fazer. Como amamos a Igreja que trata da alma e do corpo dos seus filhos! Só da alma, não. É que o homem todo é corpo e alma. É este o homem completo que Jesus Cristo assumiu e quer salvar na e pela Sua Igreja. Que Deus nos perdoe as nossas omissões.

Continuamos bem e com muita Esperança.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

O meu giro do Pobre nunca é interrompido, muito embora outras canseiras me interrompam; todos os dias bato a portas onde habita a Indigência, antes que ela venha bater à minha — «candeia que vai à frente alumia duas vezes».

PAI AMÉRICO

EM Março de 1968, à boleia na DETA com Padre Carlos, fomos a Quelimane. Etapa de uma volta por Moçambique, apresentando a Obra da Rua, acabada de chegar a Lourenço Marques daquele tempo. O nosso pouso foi em casa do Teles, um rapaz que após a vinda de Pai Américo a África em 1951, veio para a Sena Sugar States, no Luabo. A casa em que fomos hospedados era muito antiga, mas espaçosa e restaurada com esmero pelo que já então era gerente da Companhia em Quelimane e presidente do Grémio do Chá.

De açúcar e chá, enquanto durou aqui a nossa Casa, sempre tivemos fartura. Não esbanjávamos, mas fomos somente buscar o preciso. Por vezes, mais do que pedia. Hoje, parece não haver fábrica.

Ali, em Quelimane, estivei-mos felizes, dois dias, no convívio de uma família realizada e empolgada com o crescimento e educação dos filhos, ainda pequenos, e a alegria de repartir com muitas famílias africanas que moravam entre os palmares.

Passaram quase trinta anos. Só uma vez nos encontramos em Portugal onde regressaram e começaram a vida, andava, lembro-me, o Teles a cobrar dívidas por conta de uma empresa dum amigo que lhe dera esse trabalho. Mais tarde soube, por Padre Carlos, que estava com cancro. Sempre guardei na memória um almoço dele com Pai Américo, na Casa do Bairro. Estava de férias e eu de passagem, ainda seminarista. A mesa só os dois falaram, do Luabo, do Chinde, de recordações comuns. Pai Américo embebecido com aquele filho, homem que para mim simbolizava todo o valor da Obra da Rua, concretizado nos rapazes de quem Pai

Moçambique

Américo escreveu «feliz pátria se os amas».

Todas estas lembranças foram revividas em alvo-roço, há dias. Mandaram dizer para estar em casa no dia três, à tarde; ia ter uma visita. Esperei, tentando descortinar, através do Amigo que mandou o recado, antes Director dos Projectos Integrados a partir da Barragem do Umbeluzi e agora ligado ao estabelecimento da Caixa Geral de Depósitos em Maputo. Não me enganei, mas fiquei deliciosamente surpreendido. Abracei com emoção o Dr. Alfredo Teles, filho do nosso Teles e director internacional da Caixa, que brevemente vem inaugurar aqui a sua filial.

Que feliz fiquei! São aquelas alegrias que repassam para a gente — Pai Américo, a Obra, todos e tudo quanto conhecemos. Daqueles momentos que a nós, Padres da Rua, transformam todas as angústias em gozo, e todas as esperanças em certezas. Só em Deus poderemos receber maior felicidade. Momentos que valem a vida toda.

A visita foi breve. Prometeu vir em Junho com os pais, que ele como bom filho quer trazer a esta terra que os viu nascer. Anseio por esse dia. Oportunidade rara aqui, para lição de alto valor aos que ora temos.

Padre José Maria

Uma carta

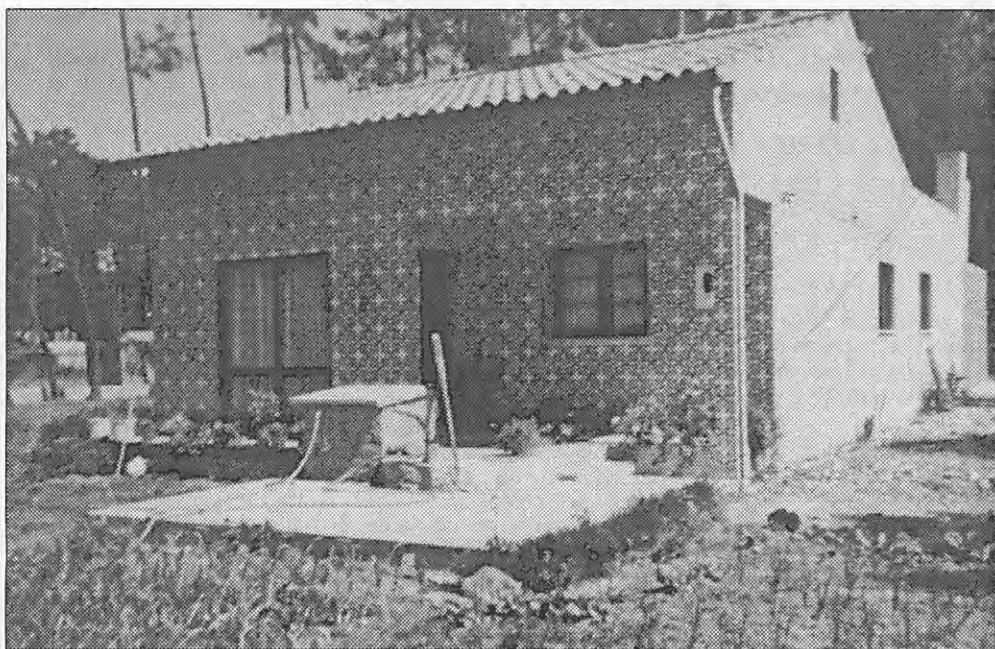
Quando leio O GAIATO fico certas vezes com pena daqueles que muito falam e pouco sabem de psicologia, pedagogia, sociologia e outros «gias» — na rádio, na TV, nos jornais... Tanto(a) professor, doutor, mestre e outros títulos que ficam tão bem em rodapé e que lhes falta o essencial e simples que é olhar e ver com o... coração! E, em vez de se depender e falar tanto em público na ocupação de tempos livres para, para, para... começassem por sentir... que a vida não assenta só no dinheiro, mas precisa de raízes que só Cristo alimenta. Tanto «embrulho» com festas, com balões, com palhaços com, com, com fotografias em revistas que se mostram ou exibem felicidade(?). Às vezes penso que nunca se viu tanto sepulcro caído de branco...

Quantas vezes me dou conta a dizer: — Que sorte têm os gaiatos! Afinal, eles sabem o que é família no seu verdadeiro sentido — a partilha, a justiça, a verdade (!)... e até o lutar pela sua defesa!

Se todos tivéssemos a «sorte» de passarmos por uma das vossas Casas talvez a sociedade não caminhasse tão depressa para baixo como parece que acontece...

Desculpem, tanta palavra para tão pouca ajuda. Dei conta que estava a «falar» sozinha.

Assinante 28807



O casal e cinco filhos viviam na cozinha. Com as suas renúncias e a ajuda do Património dos Pobres, habitam agora esta casa muito airosa.

Património dos Pobres

As casas dos Pobres constroem-se com oração e renúncias

TESTEMUNHAMOS que as casas para Pobres se constroem com oração e muitas renúncias. Com muita fé e esperança. Acreditando que Deus é Pai e nunca abandona os filhos quando estes a Ele recorrem. Que Se revelou no Seu Filho Jesus Cristo que quer continuar a viver no meio dos homens. Que ficou de modo especial presente no Altar à espera dos nossos encontros.

O Pai Américo revelou muitas vezes que as casas para os Pobres se constroem no Altar. É sobretudo ali. Ficava maravilhado sempre que na entrega de casas se rezava o Pai Nosso e desabafava:

«Fica tão bem a oração do Pai Nosso! Se todos rezassem bem o Pai Nosso como seria diferente a nossa vida! Todos teriam pão e casa e amor. Todos se sentiriam irmãos e filhos do mesmo Pai.»

Leiamos e meditemos o que nos deixou escrito:

«A estas realidades tão belas e tão humanas, eu quero juntar hoje uma pontinha do Divino. Deus existe. Foi o caso de um Pobre, morto por sair da casa onde morava, não queria, contudo, ir para longe dela. Rezou. Pediu ao Senhor que tocasse no coração dos homens. Pedir a Deus, sim,

mas por meios humanos. Deus não faz milagres; não os quer fazer sem o nosso concurso. Este Pobre pediu a Deus e a seguir veio humilhar-se e confundir-se na presença do seu semelhante. O Pobre foi servido. Está como quer, onde quer.»

Esta doutrina é de sempre. Deus continua a não fazer milagres sem o concurso dos homens. Deus continua, e tem de continuar a tocar no coração dos homens, e alguns têm de abri-lo à força.

Mais uma prova, de há dias:

«Sou assinante d'O GAIATO, há muitos anos. Leio sempre este Jornal do princípio ao fim. Fico angustiada por haver tanta gente a precisar de uma casa, mesmo com o mínimo de condições e não a possuir.

A quantia que junto, ia depositá-la na Caixa, mas o Senhor iluminou-me. Os Decretos de Deus são insondáveis — circunstância feliz: colocar esta quantia no Banco da Providência. E assim decidi.

Envio um cheque para acudir a essas necessidades. Será uma gota de água no Oceano, mas enviada de alma e coração. Agradeço sigilo.»

Deixou-se iluminar por Deus e abriu a alma e o coração. Renunciou a favor daqueles que precisam e não têm. A felicidade dos Outros também é partilhada conosco. A foto que ilustra esta nota é prova da felicidade daqueles que ajudaram e da família que a habita. Milagres que Deus vai

Aprender a amar o mundo dos Pobres

É a semana das vocações. Nós sentimos, como ninguém, a necessidade delas quando temos por certo que a seara loirejante é cada vez mais vasta — o mundo dos Pobres.

Não podemos deixar de ficar perplexos quando confrontamos a força apelativa do Evangelho de Jesus Cristo — a Mesa Abundante — com tanta ideia bonita...

E, as ruas estão cheias de gente vazia. As escolas, de gente nova sem horizontes; gente cheia de ilustres informações acerca de tudo mas sem caminhos rasgados.

São crianças entregues ao poder das ruas; jovens entregues à sorte de «emprego» a qualquer preço. Famílias desfeitas; gente a viver em autênticos buracos de barro e sangue. Bairros onde coabitam a droga e a violência. Nós hospitais, filas intermináveis de processos e pessoas à espera de uma resposta ao enigma indecifrável da vida. E a solidão espreita, hoje, como nunca, em ruas de nomes pomposos e modernos, pronta a engolir o mais avisado.

Ser chamado pela Força do Alto é ter sob o olhar este nosso mundo concreto. Aprender a olhá-lo com o coração de Deus. O mesmo olhar com que Jesus o fitou, numa escola de cada dia.

fazendo com o concurso dos homens. Bendito seja Ele e continue a abençoar a nossa colaboração.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

É uma seara; uma seara ou uma maré alta. E, há gente que esbraceja, que pede socorro; que grita e ninguém ouve. É Jesus que espera, é a seara ondulante, o terreno onde — depois de germinadas — as sementes produzirão a cem por um. O terreno fértil onde a psicologia da

satisfação, da realização, cede lugar à entrega oblativa.

Às vezes, porém, há gente que não se incomoda... Fechados em teorias gastas, quantos não há sentados na praia à espera que a tormenta passe ou um milagre aconteça?!

Padre João

Cantinho dos Rapazes

Continuação da página 1

estudantes de todos os graus de ensino, das próprias escolas e universidades!

A obra reeditada está à disposição dos Leitores. Poderão requisitá-la por carta, postal, telefone, ou até pelo nosso fax (055) 753799.

Júlio Mendes

COLEÇÃO

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes da autoria de Pai Américo:

1. PÃO DOS POBRES 1.º volume (5.ª edição)
2. PÃO DOS POBRES 2.º volume (5.ª edição)
3. PÃO DOS POBRES 3.º volume (4.ª edição) — No prelo
4. PÃO DOS POBRES 4.º volume (1.ª edição)
5. OBRA DA RUA (4.ª edição, actualizada)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO 1.º volume (3.ª edição)
7. ISTO É A CASA DO GAIATO 2.º volume (2.ª edição) — Esgotado
8. BARREDO (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)
9. OVO DE COLOMBO (2.ª edição) — Esgotado
10. VIAGENS (2.ª edição — reordenada e aumentada) — Esgotado
11. DOUTRINA 1.º volume (2.ª edição — aumentada)
12. DOUTRINA 2.º volume (1.ª edição)
13. DOUTRINA 3.º volume (1.ª edição)
14. CANTINHO DOS RAPAZES (2.ª edição)
15. NOTAS DA QUINZENA
16. DE COMO EU FUI...
17. CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

19. CALVÁRIO (3.ª edição — reordenada e aumentada) Padre Baptista
20. A PORTA ABERTA PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA (2.ª edição) Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte
21. O LODO E AS ESTRELAS (3.ª edição — aumentada) Padre Telmo Ferraz
22. EBOCO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO Manuel Mendes
23. UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX João Evangelista Loureiro
24. PADRE AMÉRICO — MÍSTICO DO NOSSO TEMPO Padre José da Rocha Ramos — No prelo

Crónica de viagem a África

Continuação da página 1

O pequeno avião voa baixo tomando possível a observância das cidades e aldeias, dos rios, lagos, florestas, culturas e estradas. Já tinha analisado, quanto possível, quase toda a costa atlântica angolana de Benguela a Luanda e, agora, era-me oferecido, inesperadamente, o prazer de subir ao Norte, espriando o meu olhar sobre esta imensa nação verde.

Em Negaje desembarcou somente uma religiosa e arrancámos de imediato para Malanje. Passámos por cima das quedas do Duque de Bragança, extasiando-nos na sua natural e invulgar majestade vistas do alto.

Logo de seguida surge a Carianga, propriedade onde Padre Telmo se refugiou com alguns gaiatos mais velhos, quando da ocupação da Aldeia após a independência. Avistei lá uma enorme porção de terreno lavrado e gradado, pronto para a sementeira do milho, a qual se efectuou enquanto estive na Casa do Gaiato.

O aeroporto fornece a imagem viva da devastação. Sem telhado, com paredes interiores arrombadas, medonhas marcas de

morteiros no exterior, sem qualquer indício de reparação, o edifício lança sobre o recém-chegado uma amarga sensação de terror.

Situada a dez quilómetros da cidade, a nossa Aldeia é envolvida por uma mancha verde mais escura que todo o planalto vestido de denso capim. É o pomar de abacateiros e mangueiras que têm inspirado ao Padre Telmo tão lindos poemas no seu dia-a-dia. É a mata pequenina de sombra espessa e apetecida que rodeia a primeira lagoa em represa, do Culamoxito, e se transformou em recreio único dos malanjos nas quentes tardes de domingos e feriados. É a diminuta fazenda de café que separa a Aldeia da estrada para Luanda resguardando-a do barulho e da insignificativa poluição dos raros veículos que a utilizam. Depois, as magníficas e gigantescas supotódias que, como senhoras do terreno, se instalaram nos largos avermelhados da Aldeia e dominam pelo seu colorido e grandiosidade.

Também bardos de cardinais emprestam beleza aos arruamentos e jardins soltando aqui e além brados vermelhos de alegria nos cálices floridos que lhes dão o nome.

Reconstruídas pela segunda vez, as casas são dominadas pelo edifício da Capela, a

frontaria com a pedra cor-de-rosa e levantada do nível daquelas, oito degraus da mesma cor e rodeada de esplendorosas plantas de jardim.

Uma proclamação irrefutável da força de Deus e da Sua bondade resistente ao império do mal.

Emoldurado num pequeno e oval jardim, fixa-se, num rochedo, um cruzeiro de três metros de altura em pedra também cor-de-rosa.

Quando obrigado a deixar a Aldeia, Padre Telmo teve o cuidado de o guardar em sítio escondido.

Com que emoção, após o sofrimento, o deve ter reposto?!...

A Cruz é a marca da Obra da Rua!... Ali atingiu pleno significado.

A Aldeia composta de cinco grandes vivendas para os cento e setenta rapazes, cobertas de telha, cópia adaptada das de Paço de Sousa, sugere também a doce sensação de estarmos em casa. Mais dois edifícios para as salas de aula no mesmo estilo e o conjunto completa-se com as oficinas de carpintaria, serralharia e electricidade em plena laboração.

Do sopé da Aldeia avista-se, em horizonte salpicado de árvores, a vasta propriedade de

pastagens e culturas, povoada já por uma pequena manada de vacas, um rebanho de cabras e onde muitas comunidades religiosas fizeram as suas lavras, neste período de tanta insegurança e fome!

É uma Ressurreição a Casa do Gaiato de Malanje!

A força de Cristo ressuscitado aparece às claras como o sol nascente em manhã limpa de nuvens.

Enquanto na cidade se impõe o avassalador espectro da guerra, na nossa Aldeia surge humildemente a vida amorosa e encantadora.

As dificuldades são gigantescas! A alimentação reduzida e invariável.

Aquela tenda de Deus vêm bater todas as necessidades e ali se dá resposta à enorme e miserável multidão de Pobres que continuamente a demandam em busca de esperança.

A saúde e o pão comandam todas as questões dos Pobres. Por elas a Casa do Gaiato vai distribuindo amor!... Deus!

O Padre Telmo está só com os rapazes. Como um gigante abandonado! Como o Senhor Cravado na Cruz pela dedicação aos Rapazes e aos Pobres!

Nem uma mulher para colorir aquelas Casas de doçura maternal e feminina, para dar gosto à cozinha, acolher os pequeninos e consolar os grandes! Ali a igreja feminina é um ermo que me interroga e me destrói!

Padre Acílio